

Viagem e identidade em *Mazanga* e *O último vôo do flamingo*

[Antelene Campos Tavares Bastosa](#)

Resumo

Ao realizar um estudo comparatista das obras *Mazanga*, de Alberto Oliveira Pinto, e *O último vôo do flamingo*, de Mia Couto, este artigo objetiva abordar o tema da viagem associado ao conceito de "viagem para dentro", de Edward Said. Nesses textos, tal associação organiza-se, literariamente, por meio do processo memorialístico que se abre para uma polifonia de vozes, cuja abordagem permite fazer um exame sobre a identidade, com base na idéia de hibridismo.

Palavras-chave: Viagem. "Viagem para dentro". "Hibridismo".

Neste artigo, realiza-se uma análise comparativa entre os textos *Mazanga*, do escritor angolano Alberto Oliveira Pinto, e *O último vôo do flamingo*, do moçambicano Mia Couto. A abordagem explora o tema da viagem associado à noção de "viagem para dentro" (SAID, 1996, p. 229-325). O conceito de "viagem para dentro" corresponde a um tipo de incursão no território de disputa imperialista, cujo reexame crítico é feito pelo escritor pós-imperial do Terceiro Mundo.

Na medida em que os textos *Mazanga* e *O último vôo do flamingo* representam duas bem sucedidas realizações literárias, produzidas por dois escritores oriundos do continente africano e de países que foram colonizados por europeus, é possível constatar neles uma abordagem sobre o tema da viagem associando-o à "viagem para dentro". Seus autores utilizam suas heranças culturais a fim de efetivar investimentos que viabilizam, do ponto de vista literário, a representação do tema da viagem.

Para abordar o tema da viagem, as duas obras apresentam contextos históricos bem diferentes. *Mazanga* insere o cenário da viagem no século XV, contexto da exploração do navegador português Diogo Cão, que chega à região do Zaire percorrendo as terras onde se localiza atualmente o território de Angola. *O último vôo do flamingo* apresenta o contexto de pós-guerra, em Tizangara, uma vila do interior de Moçambique, para representar a viagem do personagem Massimo Risi, um italiano a serviço da ONU. Ainda que os contextos históricos sejam bem específicos, as duas obras trazem à baila o tema da viagem, associando-o à noção de "viagem para dentro", já que ambas efetivam uma anamnese da cultura de duas nações cuja herança é resultante da estrutura do poder colonial.

O último vôo do flamingo se constitui como texto memorialístico que se estrutura mediante as noções de Walter Benjamin, "constelação" (BENJAMIN, 1985, p. 56-57) e "mônada" (BENJAMIN, 1985, p. 226-231). Com base nesses conceitos, a memória engendra a aproximação do passado e do presente, interligando instâncias temporais diferentes e interrompendo a linearidade temporal. A organização das instâncias temporais se efetiva de modo espiralar, semelhante à imagem da "concha do caracol",

(COUTO, 2000, p. 190) de acordo com análise da atividade de "pisar memórias, arriscando despertar fantasmas" (COUTO, 2000, p. 68).

A "convocação de saudades" (COUTO, 2000, p. 165), baseada na constelação de lembranças, torna possível o engendramento de um tempo monádico (BENJAMIN, 1985, p. 226-231). Ao serem relacionados o "despertar de fantasmas pessoais" (COUTO, 2000, p. 165) e o "despertar dos fantasmas" do pós-guerra (COUTO, 2000, p. 114), focaliza-se o espaço de Tizangara como um "território de rapina" (COUTO, 2000, p. 29), que por sua vez, de forma monádica, extrai uma época determinada do tempo homogêneo e vazio da história. Com isso, o tempo monádico nem suprime nem concilia as ordens temporais, mas propicia a irrupção de "um tempo saturado de agoras" (BENJAMIN, 1985, p. 229), que remete, assim, a uma "temporalidade disjuntiva" (BHABHA, 1998, p. 198) para tornar citável o passado a partir do presente.

Em *Mazanga*, a construção do tempo também se organiza sem obedecer a uma seqüência linear. Analogamente à imagem da "concha do caracol", "as galerias de pedras" (PINTO, 1999, p. 86-89) formadas pela personagem Njitu possibilitam visualizar a "constelação" de lembranças. O tempo se organiza de forma espiralar, por meio de encaixes semelhantes às "galerias de pedras". Assim como "as galerias" são feitas de encaixes de pedras, o tempo da memória se organiza mediante encaixes de fragmentos do passado que não obedecem a uma seqüência linear.

A organização paratática do tempo no processo de rememoração, presente nas duas obras, sinaliza para uma forma reticular que remete à imagem do "tamarindo" (COUTO, 2000, p. 163). No texto de Mia Couto, o narrador-tradutor "convoca lembranças à sombra da árvore". Ao fazê-lo, inserem-se e entrelaçam-se lembranças de diferentes épocas, da vila e da própria família.

O romance *Mazanga*, por sua vez, contém um diário (PINTO, 1999, p. 14) de viagem, entremeadado de lembranças, cujo registro dos fatos não obedece à seqüência cronológica. Ao ser permeado por fluxos de lembranças, a escrita essencialmente privada do diário abre-se para um enovelamento de histórias. Essa abertura termina por entremear o individual e o coletivo, formando um conjunto de "histórias entrelaçadas" (SAID, 1996, p. 27-28). No livro de Alberto Oliveira Pinto, o narrador-protagonista, ao escrever o seu diário, possibilita, de modo semelhante à copa do "tamarindo", reunir a "constelação" de diferentes períodos, de diferentes etnias e de diferentes histórias.

Ao intercambiar a experiência do individual e do coletivo, promove-se, em *Mazanga*, a configuração da "memória operadora da diferença" (MIRANDA, 1992, p. 120). Por meio do entrelace de fios de diferentes meadas, a memória se transforma em um ato de lembrar, cuja urdidura refeita não encerra a busca do eu perdido por uma subjetividade onipotente, mas se constitui como prática que examina efetivamente o passado como matéria de reflexão. Assim sendo, o processo memorialístico possibilita rever o passado, de modo a inserir a "viagem para dentro" como um conjunto de experiências que instigam um tipo de reinterpretação. Nesse sentido, o ato de reinterpretar, por meio da memória, é parte de uma mobilização em torno da resistência, no qual o nativo, antes silenciado, retorna ao texto para investigar um território antes pertencente ao colonizador.

Em se tratando dos procedimentos de narração concernentes à "memória operadora da diferença" presentes em *Mazanga*, esta é decorrente da interpenetração dos dois narradores benjaminianos (BENJAMIN, 1985, p. 199). Tem-se no livro a inserção do narrador-personagem, Jorge do Rosário, "o narrador viajante". Imbricados em sua narração, interpenetram-se "narradores sedentários", pois são conhecedores

das histórias e tradições, que, no caso específico da narrativa de Alberto Oliveira Pinto, pertencem à experiência dos povos da Mazanga (PINTO, 1999, p. 83). O relato contido no diário é resultado do compartilhamento de narradores. Essa estratégia possibilita a abertura para o outro, propiciando a inserção da memória que não só traduz a experiência individual, mas também a experiência do coletivo, perfazendo um conjunto de "histórias entrelaçadas" (SAID, 1996, p. 27-28).

Além do compartilhamento da narração, feito por diferentes narradores, o processo de narração se constrói, em *Mazanga*, por meio da mudança de estatuto do narrador, pois entrelaçado ao narrador-personagem encontra-se um narrador "heterodiegético", que desempenha o papel do "narrador sedentário" benjaminiano. Com isso, engendra-se um entrelaçamento de histórias, que torna o passado efetivamente matéria de reflexão; possibilitando, assim, refazer o tecido da história como uma atividade de repetição em demanda da diferença. Por meio do compartilhamento, é possível juntar, ao presente, rotas culturais fragmentárias e reconstruir genealogias não ditas.

Relativamente aos procedimentos para organizar o texto memorialístico no livro *O último vôo do flamingo*, a narração é construída com base em uma "transcrição" polifônica. O narrador possibilita que diferentes vozes compareçam, no processo de rememoração, ainda que ele próprio tenha sido testemunha ocular. A "transcrição" se organiza com base numa polifonia (BAKHTIN, 1981, p. 34) cujas vozes apresentam diferentes orientações discursivas. Por meio da transcrição polifônica, são representadas tanto as vozes dos "estrangeiros" quanto dos nativos, permitindo-se configurar a fotografia das clivagens e ambigüidades presentes no "tear de entretexistências" (COUTO, 2000, p. 114).

A representação dessa categoria se faz por meio da polifonia (BAKHTIN, 1981, p. 34), que remete à idéia de rede. Em *O último vôo do flamingo*, a rede polifônica se organiza mediante a imagem do "tear de entretexistências", por meio do qual se manifestam as vozes dos nativos e de uma gama variada de estrangeiros. São eles: "os estrangeiros de dentro" (COUTO, 2000, p. 93); "os de fora" (COUTO, 2000, p. 28-32); "os longínquos" e "os atuais" (COUTO, 2000, p. 155-157).

Pode-se verificar a idéia de rede também em *Mazanga*, pois a polifonia se estrutura de modo semelhante à imagem de uma *uanda*. Em dialeto bantu, o termo *uanda* (PINTO, 1999, p. 49) significa rede de pesca que, como metáfora, corresponde à tessitura de vozes representadas, no texto, com diferentes orientações discursivas. Nessa rede, encontram-se disseminados diferentes narradores (PINTO, 1999, p. 83) e diferentes vozes a representarem as relações conflituosas entre as diferentes etnias (nativos e estrangeiros "de fora" e "de dentro") que habitavam a região (PINTO, 1999, p. 161-166).

Ao ser agenciada a *uanda* de vozes, configura-se, em *Mazanga*, o "entrelugar" constituído de voz e letra (PADILHA, 1995, p. 2), cujo agenciamento possibilita a demonstração da ressonância da voz "griótica" na escrita (PADILHA, 1995, p. 18). Essa "voz griótica" se caracteriza por "representar uma espécie de teatro com um só personagem fazendo-se acompanhar o ato oral de narrar de toda uma gestualização e tendo, como um de seus elementos cênicos, o público, participante ativo no processo de ritualização em que se transforma o ato de contar" (PADILHA, 1995, p. 18).

Por meio da rede polifônica, apresenta-se a fotografia do território como "uma terra de estrangeiros" (COUTO, 2000, p. 157), mesmo sendo focalizados períodos históricos diferentes. Além disso, "a terra de estrangeiros" é marcada pela idéia de cisão. Nos dois livros, a cisão é de ordem interna, podendo-se detectar a clivagem no

interior da própria etnia, o que revela a inexistência de homogeneidade no interior das comunidades representadas. Tal aspecto sinaliza as marcas do hibridismo cuja operacionalização se efetiva mediante os caracteres da *différance* (DERRIDA *apud* HALL, 2003, p. 60-61).

Como as duas obras apresentam a rede polifônica, a idéia de *différance* pode ser detectada por meio do jogo de vozes que, ao representar diferentes orientações discursivas, remete àquele "movimento de jogo que produz [...] as diferenças, os efeitos de diferença". Os textos trazem as marcas do hibridismo que, ao seguir as marcas da *différance*, sinaliza para uma lógica que não está centrada em binarismo, mas na idéia de cisão.

A idéia de divisão interna permeia as duas obras. Cada livro é uma demonstração dos exames feitos por personagens como Nzuá, em *Mazanga*, e Sulplício, em *O último vôo do flamingo*. Para Nzuá, o território da Mazanga "sofrerá", "será dividido" e "será vítima da cisão entre muitos povos" (PINTO, 1999, p. 153-154). A fala desse personagem se refere ao contexto da pré-colonização, marcado por lutas entre forças sociais nativas, com suas contradições internas que historicamente permanecem, estando a nação (Angola) dividida.

A visão do personagem Nzuá, no livro *Mazanga*, relaciona-se com aquela de Sulplício, em *O último vôo do flamingo*. Inserido num contexto de pós-guerra, o personagem avalia o processo de clivagem interna, mesmo depois de Moçambique ter passado pelo processo de descolonização. O personagem Sulplício visualiza as disparidades no interior da sociedade descolonizada, ao apresentar a nação dividida entre "moleques de patrões e outros moleques dos moleques" (COUTO, 2000, p. 192).

Tendo em vista o exame realizado, o texto de Alberto Oliveira Pinto e o de Mia Couto propiciam uma negociação engendrada a partir do conceito de hibridismo. Esse mecanismo confirma a inscrição da "viagem para dentro" como uma operação de escrita resultante do contraponto entre a voz e a letra, o qual se estrutura mediante a noção de *différance*, pois não se articula através de binarismos. Desse modo, *Mazanga* e *O último vôo do flamingo* são textos que, ao retomarem o tema da viagem associado ao conceito de "viagem para dentro", ensejam uma reflexão sobre a identidade, com base no hibridismo.

Abstract

The paper conceives an approach of the theme of voyage connected with the "voyage in" concept, of Edward Said, through a comparative study of Alberto de Oliveira Pinto's *Mazanga*, and Mia Couto's *O ultimo vôo do flamingo*.

Keywords: Voyage. "Voyage in". "Hybridism".

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COUTO, Mia. *O último vôo do flamingo*. Lisboa: Caminho, 2000.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra*. Niterói: EDUFF, 1995.

PINTO, Alberto Oliveira. *Mazanga*. Lisboa: Caminho, 1999.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.